

O CORONEL FREDERICO FERREIRA DE SIMAS E A EDUCAÇÃO NOVA EM PORTUGAL

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa
Centro de Investigação em Educação

A presente comunicação toma como objecto de estudo a figura de um militar português, o coronel Frederico Ferreira de Simas (1872-1945), que desempenhou, ao longo das quatro primeiras décadas do século XX, um importante conjunto de funções no campo pedagógico, para além de as ter exercido também nos campos militar e político. Ferreira de Simas tornou-se, em termos práticos, uma das mais importantes figuras do movimento português de renovação pedagógica, tendo como referência os ideais da chamada Educação Nova. A este nível merece destaque a forma como dirigiu, entre 1919 e 1941, o Instituto Feminino de Educação e Trabalho (actual Instituto de Odivelas), transformando-o numa instituição de referência no panorama pedagógico nacional. O Instituto era (e continua a ser) um internato escolar destinado às filhas de militares e a sua identidade foi muito marcada pelo facto de ser um estabelecimento de educação feminina (Loureiro, 1999). O próprio Ferreira de Simas foi autor de um conjunto de textos dedicados a essa temática. Procuraremos, assim, articular os dois planos, desenvolvendo uma reflexão sobre a educação feminina tal como era entendida em alguns sectores do campo renovador.

A análise, que aqui se propõe, das concepções pedagógicas de Ferreira de Simas e da sua acção à frente do Instituto Feminino de Educação e Trabalho será aproveitada para reflectir historicamente sobre as virtualidades e os limites do projecto da Educação Nova, bem como sobre a complexidade de que se revestia a sua apropriação em contextos locais, combinando “tradição” e “inovação”. Utilizaremos, entre outras fontes, documentos constantes do Arquivo Particular Ferreira de Simas, integrado no Arquivo Histórico-Militar, e Relatórios da Direcção, por ele elaborados, e incluídos no *Anuário do Instituto Feminino de Educação e Trabalho*¹. Consideraremos como palavras-chave do presente estudo as seguintes: militares, educação feminina, Educação Nova².

1. O percurso biográfico do coronel Frederico Ferreira de Simas

Alguns dos documentos existentes no já referido fundo, tais como o processo militar ou um currículo elaborado pelo próprio, permitem-nos acompanhar os momentos principais da sua vida pública. Ferreira de Simas nasceu em Lisboa em 11 de Maio de 1872. Foi aluno da Escola Politécnica, tendo sido premiado nos anos lectivos de 1890-91 e 1891-92, e fez a sua formação na Escola do Exército e percurso militar na Arma de Artilharia, ocupando os postos de tenente (1894), capitão (1911), major (1917), tenente-coronel (1918) e, finalmente, coronel (1922). Num processo conturbado, e que deu origem a documentação abundante, faliu, em 1931, a promoção a general.

¹ Utilizaremos, para o efeito, alguns relatórios da fase inicial do seu mandato, concretamente os situados entre os anos lectivos de 1920/21 e 1926/27. Em publicação anterior (Pintassilgo, 2007) analisámos os relatórios correspondentes ao período de 1928/29 a 1937/38. Entretanto, tivemos acesso aos referidos relatórios, graças à prestimosa colaboração da Dr^a Cesaltina Silva, pelo que decidimos introduzir aqui a sua análise.

² O presente texto retoma e desenvolve as ideias apresentadas em Pintassilgo, J. (2008^b).

Apesar de ter exercido um conjunto de funções especificamente militares, desde cedo que Ferreira de Simas se começou a dedicar àquela que se tornou a sua principal área de trabalho – a educação. Foi, a partir de 1901, professor da Escola do Exército, depois Escola de Guerra, depois Escola Militar (e, actualmente, Academia Militar); foi professor, inspector de instrução e, a partir de 1919, director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho; foi, ainda que por um curto período (entre 1909 e 1910), director interino da Escola Normal Primária para o sexo feminino de Lisboa. Exerceu ainda, em vários momentos, outras funções pedagógicas, tais como: membro do Conselho Tutelar e Pedagógico dos Exércitos da Terra e Mar, o órgão responsável pela coordenação dos estabelecimentos escolares militares; membro do Conselho Superior do Ensino Comercial e Industrial; inspector pedagógico do Liceu Pedro Nunes. No que diz respeito ao associativismo pedagógico, intenso no período republicano, foi, por exemplo, sócio e membro da direcção da Sociedade de Estudos Pedagógicos, tendo produzido diversas intervenções nas suas assembleias-gerais. Publicou com frequência na imprensa geral e especializada em educação.

No plano político Ferreira de Simas exerceu, em particular no período republicano, importantes funções, com destaque para os dois, ainda que breves, mandatos como ministro da Instrução Pública (1914-15 e 1915-16) e outro como ministro do Comércio e Comunicações (1925). Foi ainda membro do Senado, com intervenções frequentes sobre temáticas educativas, designadamente entre 1922 e 1924, e Adido Militar em Londres (1915-17 e 1919). A outro nível, foi membro da maçonaria, no Grande Oriente Lusitano Unido, como o atestam os vários diplomas existentes no Arquivo Particular, possuindo o nome simbólico de Berzelius e tendo frequentado várias lojas.

O coronel Frederico Ferreira de Simas faleceu em Lisboa em 7 de Outubro de 1945, com 73 anos de idade, quatro anos após a sua exoneração da direcção do Instituto Feminino de Educação e Trabalho (Nóvoa, 2003; Vilela, 1998).

2. O percurso histórico do Instituto Feminino de Educação e Trabalho

O actual Instituto de Odivelas, cuja designação original era Instituto Infante D. Afonso, foi inaugurado em 1900, como resultado da iniciativa de um grupo de oficiais do exército, sendo, numa primeira fase, prioritariamente destinado “à educação gratuita de órfãs” de militares³, público este que se alargará, posteriormente, a todas as filhas de militares. Em 1902 o Instituto instala-se, após a realização de obras, no convento de Odivelas (arredores de Lisboa), onde, de resto, ainda hoje se encontra. Desde o início que é visível a finalidade de contribuir para a educação geral das alunas, para a sua formação como mulheres (mães, esposas e “donas de casa”) e, complementarmente, para a sua formação profissional em algumas áreas consideradas adequadas ao género feminino. O carácter prático de muitas das aprendizagens tornar-se-á uma das imagens de marca da instituição.

A implantação da República trouxe ao Instituto um conjunto importante de transformações, tendo inaugurado uma das suas fases mais criativas e bem sucedidas. Ainda no ano de 1910 é-lhe atribuída a curiosa designação de Instituto da Torre e Espada, logo substituída, em Agosto de 1911, pela designação, bem mais expressiva, de Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Os documentos regulamentares publicados entre 1911 e 1930, este já durante a Ditadura Militar, e que têm grandes linhas de continuidade entre si, reforçam a dimensão profissional dos cursos, sem porem em

³ Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra. Direcção Geral – 3ª Repartição (1904). *Estatuto do Instituto Infante D. Afonso. Decreto de 11 de Maio de 1904*. Lisboa: Imprensa Nacional, p.5.

causa o espírito inicial. O Instituto passa a ser definido como “um estabelecimento destinado a educar e preparar para a vida prática indivíduos do sexo feminino”⁴. Procura-se, ainda, actualizar as concepções relativas à educação da mulher e introduzir um conjunto de inovações pedagógicas derivadas da influência da chamada Educação Nova. Para além do ensino primário e do curso geral dos liceus, vão funcionar, com algumas flutuações ao longo desse período, entre outros, cursos de empregadas de escritório e do comércio, de correios e telégrafos, de auxiliares de química, de artes e ofícios (em várias áreas) e de preceptoras.

Em 1919 tomou posse como director do Instituto, como já dissemos, o então tenente-coronel Frederico Ferreira de Simas, que se manterá à frente da instituição durante 22 anos, tendo influenciado decisivamente pelo seu estilo de liderança, pelas concepções relativas à educação feminina e pelo projecto de concretização duma pedagogia experimental toda a sua vida e organização.

Muitas das concepções e práticas associadas à Educação Nova conheceram aí alguma concretização, em particular no que se diz respeito à consecução do ideal de educação integral das jovens alunas, através da valorização da educação física, da educação artística e dos trabalhos manuais. Era, igualmente, cultivada uma relação próxima com a natureza, não só nos jardins do Instituto, mas, também, através dos inúmeros passeios realizados pelas alunas. A pedagogia experimental e o discurso higienista penetravam no Instituto por via da realização de “testes mentais”, da elaboração de uma “ficha sanitária” de cada aluna, do acompanhamento constante do seu “estado sanitário” e do rigor posto na preparação das refeições. No que diz respeito à educação moral, privilegiava-se, entre outras estratégias, a participação activa das alunas, o que conduziu à criação, sob o impulso do director, de associações mutualistas e cooperativas.

As concepções de Ferreira de Simas em relação à educação feminina enfatizam o seu carácter diferenciado, o que permite compreender a importância atribuída à chamada educação «ménagère”, tendo por finalidade preparar as alunas para serem boas mães e donas de casa competentes. Mesmo assim, a formação profissional não é esquecida, manifestando-se através da criação de vários cursos, sendo constante o carácter prático das aprendizagens. Estas são questões às quais voltaremos.

Ferreira de Simas conseguiu, na difícil transição da República para o Estado Novo, adaptar-se ao novo contexto, preservando a coerência do projecto e mantendo a sua vitalidade e carácter inovador. Só em 1941 o regime salazarista decide dar por finda a etapa “republicana” do Instituto, demitindo o director e aproveitando para proceder a uma reorganização geral - começando pela mudança do nome para Instituto de Odivelas -, que o equipara a liceu nacional e a escola industrial e comercial e lhe retira a vocação profissionalizante. A identidade decorrente do facto de ser um estabelecimento de educação feminina foi preservada, ainda que numa perspectiva mais conservadora e católica. Não obstante esse facto, mantiveram-se algumas das práticas inovadoras associadas à fase anterior, tendo sido acrescentadas outras (Leitão, 1980; Pintassilgo, 2007; Saraiva, 1978; Silva & Leitão, 1990; Vilela, 1998).

3. Um projecto de regeneração social pela educação

⁴ Secretaria da Guerra – Repartição do Gabinete (1915). *Regulamento do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Decreto n.º 1.868, de 12 de Junho de 1915, publicado em 4 de Setembro de 1915*. Lisboa: Imprensa Nacional, p.5.

Uma das preocupações manifestadas por Ferreira de Simas era, bem dentro do espírito da época, o combate contra a “crise moral”. A “embriaguês” e o “jogo”, por exemplo, são consideradas duas das “principais causas da pobreza”⁵. Enquanto senador, apresentou, em Maio de 1922, um projecto de lei que tinha em vista o combate ao alcoolismo, em particular na proximidade dos espaços escolares. Na sua opinião o consumo de alcool estava em crescendo, o que contribuía para o aumento tanto da mortalidade como da criminalidade. Os efeitos morais do alcoolismo é o que mais inquieta o então senador:

E não só o alcoolismo adquirido perverte em regra as qualidades morais do indivíduo atingido por tão grande mal, mas ainda, transmitido por hereditariedade, a sua acção é também tal sobre os órgãos da vida de relação, que as modificações mórbidas produzidas originam os caracteres excitáveis, violentos e indisciplinados, tão facilmente levados ao crime, a par da degenerescência intelectual, do idiotismo e da loucura.⁶

Está aqui expressa a ideia de que o alcoolismo era um dos factores que mais contribuía para a “degenerescência” física e moral daquilo que então se considerava ser a “raça”, conclusão essa avalizada pelo discurso científico que marcava a época. É, em particular, a questão da disciplina social que está no centro das suas preocupações. Surgindo as tabernas como antros de vício e perdição, importava afastá-las das proximidades das escolas e impedir a entrada nelas de menores. É esse o principal objectivo do projecto de lei em questão.

No combate à propalada “crise moral” surge como decisivo o papel da escola primária, considerada “a escola do povo”, onde “a grande massa da população” deveria receber a instrução, desde que “prática e objectiva”⁷. A instrução é, assim, considerada fundamental e Ferreira de Simas dedica mesmo um artigo à questão do analfabetismo. A sua concepção do que é o analfabetismo é, no entanto, mais ampla do que aquilo que surge habitualmente na retórica republicana (aproximando-se da noção de literacia): “Eu considero analfabetos não apenas os que não conhecem as letras, mas ainda os que conhecendo-as e sabendo-as juntar para formar palavras não entendem o sentido o que equivale no fundo a não saber ler”⁸. Por isso, e referindo-se, já em tempos de ditadura, às escolas móveis, diz que “parece não terem deixado saudades” e, em relação à campanha desenvolvida pelos republicanos ainda em tempos da monarquia, ironiza com o facto de se atribuir “ao analfabetismo a causa de todas as perturbações de ordem social”⁹.

Na verdade, é a “educação moral” que lhe parece decisiva por permitir o desenvolvimento da “força de vontade” e da “têmpera de carácter”¹⁰. Em texto datado de 1911, e muito marcado pelos lugares-comuns do republicanismo, Ferreira de Simas, então com 28 anos, reflecte acerca da relação entre a escola e o exército, justificando o seu interesse pelos assuntos educativos por estes serem “da maior importância para a

⁵ Ferreira de Simas, F. A. (1914). A instrução contra a pobreza. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 4, Caixa 921, n.º 56.

⁶ República Portuguesa. Senado. Projecto de Lei n.º 72. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 5, Caixa 921, n.º 63.

⁷ Ferreira de Simas, F. A. (1914). A instrução contra a pobreza...

⁸ Ferreira de Simas, F. A. (1940). Analfabetismo. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 4, Caixa 921, n.º 59.

⁹ Idem.

¹⁰ Ferreira de Simas, F. A. (1914). A instrução contra a pobreza...

regeneração do nosso povo e para a formação de uma Pátria Nova”. O objectivo principal do labor no campo educativo é, segundo o autor,

o rejuvenescimento da Pátria, que o egoísmo de muitos portugueses e a incúria e indiferença de muitos outros deixou subverter em medonho abismo de ignorância e incivismo.

Salve-se agora a Pátria e salve-se pela instrução e pela educação e, principalmente, pela educação cívica. O que nos falta não é dinheiro, o nosso *deficit* é de caracteres e estes formam-se pela educação e pela cultura da vontade.¹¹

O patriotismo e a disciplina surgem como valores centrais na reflexão de Ferreira de Simas, que se mostra defensor da introdução da educação militar nas escolas primárias - um projecto do republicanismo alvo então de acalorado debate no campo pedagógico - que não do militar como professor, já que “na escola primária só ensina o professor primário, mais ninguém”¹², sendo indispensável a “preparação pedagógica” que ele possui. O autor considera o “espírito militar” conciliável com a “liberdade individual”. É o desenvolvimento do “império sobre si mesmo”, segundo palavras do próprio autor, cuja aquisição ele considera fundamental, tanto na escola como no exército, o que nos remete para a noção de “governo de si mesmo” (Ó, 2003).

Não se quer uma obediência forçada, quer-se uma obediência livre, vinda de dentro, de modo que a ordem seja cumprida, como direi, não só em corpo como em espírito e assim a criança obedecendo será livre, mas livre da verdadeira liberdade.¹³

Esta citação é particularmente interessante por dar conta do esforço empreendido por Ferreira de Simas no sentido de articular dois termos aparentemente antagónicos em muitas das abordagens educativas que se lhes referem - liberdade e disciplina.

Aquando do debate, numa das sessões da Sociedade de Estudos Pedagógicos, em 1911, sobre a questão da Instrução Militar Preparatória, o nosso autor manifestou-se explicitamente a favor da posição oficial, ainda que aparentemente minoritária nesse contexto, considerando que “formar o cidadão é formar o soldado” e que o espírito militar é compatível com a democracia, concluindo com a ideia de que “o sentimento patriótico, o hábito da disciplina e a solidariedade... devem criar-se e desenvolver-se na tenra idade”¹⁴. As razões para a defesa, por parte de Ferreira Simas, desta posição prendem-se, na nossa opinião, com a assunção, pela sua parte, do fomento do patriotismo, da preparação para a defesa da pátria em caso de perigo, do desenvolvimento do sentimento de disciplina e do fortalecimento da “raça” como finalidades centrais de qualquer projecto educativo. Os exercícios militares surgem como funcionais relativamente à aquisição dos estados de alma e das posturas corporais adequadas à figura do chamado “cidadão-eleitor”.

¹¹ Ferreira de Simas, F. A. (1911). A educação na escola e na família e a nova organização do exército. Extracto de uma conferência efectuada nas salas da Revista de Artilharia em 24 de Abril de 1911. Separata da *Revista de Artilharia*. Lisboa: Tip. La Bécarre, pp.4-5.

¹² Idem., p.10.

¹³ Idem., p.15.

¹⁴ Actas das sessões. Sessão 25 Abril 1911 (1912, Julho). *Revista de Educação Geral e Técnica, Série I*, nº4, pp.349-350.

Enquanto director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, é visível em Ferreira de Simas uma preocupação quase obsessiva com a necessidade de aplicar, de forma equilibrada, a disciplina na vida da organização. Essa questão é referida em permanência nos seus relatórios, como acontece no de 1920/21:

Dois caminhos extremos se estabelecem para obter a disciplina na escola: Pelo terror, ou seja, a disciplina pelo castigo, disciplina imposta por quem não possui dotes para persuadir ou por quem, espírito retrógrado, agarrado a velharias, não compreende processo melhor do que aquele por que o educaram;

A disciplina pela persuasão, a disciplina voluntária, aquela que leva a criança a obedecer porque entende que deve fazê-lo, não porque receie o castigo, mas porque a sua dignidade, o seu pundonor, lhe impõem a obediência aos preceitos que aceitou por os julgar razoáveis para o bem próprio ou para o bem da comunidade...

O sistema da disciplina liberal tão vulgarizado na América e levado aos extremos do *Self-Government* ou da *City School* tem sido experimentado por toda a parte com o melhor resultado; falam dele com entusiasmo os pedagogos alemães e suíços...

Nem o Regulamento me permite nem eu consentiria o regime do terror, que é o regime do silêncio e da hipocrisia, e a falta de pessoal convenientemente preparado não me permite a generalização do *self-government* em tudo o que nele há de excelente.

Tem de ser um meio termo a que não se pode aplicar infelizmente o aforismo latino.¹⁵

Na anterior citação é bem visível a posição do autor sobre a questão da disciplina. Temos, por um lado, a crítica a uma visão tradicional da disciplina, uma “disciplina imposta”, e, por outro lado, a adesão, moderada pelas circunstâncias, ao sistema do *self-government*, considerado “excelente”, e implicando uma “disciplina voluntária”. Ferreira de Simas aparenta, ainda, conhecer as experiências americanas nessa matéria, assim como os educadores europeus que por elas propugnam, designadamente o alemão Kerschensteiner e o suíço Ferrière.

Nesse mesmo relatório o director do Instituto dá conta de uma estratégia complementar para a concretização dum regime disciplinar próximo da perfeição: “é vigiá-los [os educandos] por tal forma que não podendo praticar o mal habituam-se por fim a não o exercer”. Naturalmente que a eficácia de tal vigilância é potenciada pelas condições de internato em que vivem as alunas da instituição. Segundo Ferreira de Simas, as “faltas mais graves” são as “respostas pouco atenciosas a algumas professoras ou ajudantes” e as punições percorrem uma gradação que vai da “admoestação” à “expulsão”, esta última rara¹⁶.

4. Ferreira de Simas, a Educação Nova e a pedagogia experimental

Desde os primeiros textos que é visível em Ferreira de Simas a crítica de aspectos habitualmente associados à chamada “escola tradicional” e a assunção de princípios e práticas do movimento renovador em educação. A retórica do “velho” e do

¹⁵ Ferreira de Simas, F. A. (1921). Relatório da Direcção. *Anuário do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Ano lectivo de 1920-1921*. Lisboa: Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, pp.7-9.

¹⁶ Idem., p.9.

“novo” surge claramente expressa numa das suas intervenções no Senado por via da dicotomia “escola antiga” *versus* “escola moderna”:

A escola antiga era aquele recinto acanhado sem luz e sem ar, onde o mestre, quase sempre o frade ou o padre, expunha a sua doutrina e os seus conhecimentos, sem se preocupar com o que se passava no mundo exterior ...

Na escola moderna, nesse recinto bendito, com o ar e a luz a jorros, entram de envolta as ideias modernas que refervem cá fora no mundo exterior.¹⁷

Em artigo inserto na revista *O Educador* relata a forma como, sendo director da Escola Normal, havia admoestado uma professora da escola anexa por ensinar o sistema métrico usando uma espécie de “cantilena”, exactamente como ele próprio o havia aprendido na escola primária.

Há 30 anos, quando eu frequentava a escola primária, ensinava-se o sistema métrico como a senhora estava ensinando. Hoje, suponho eu, deve ensinar-se doutra forma. Na aula, dentro do armário, vi as medidas métricas e, penduradas na parede, estavam algumas das maiores. Faça com que as alunas meçam e pesem.

Passados dias voltei à aula e lá estavam as pequenas a pesar e a medir. No chão via-se desenhado a giz um metro quadrado e a um canto da sala improvisava-se um metro cúbico. Havia água entornada no chão e um tacho de barro partido.

Interroguei as pequenitas sobre o sistema métrico e responderam-me satisfatoriamente.¹⁸

Esta citação dá conta da preferência de Ferreira de Simas, como da Educação Nova em geral, pelos procedimentos intuitivos e, em particular, pelas chamadas “lições de coisas”, o que ilustra bem, por um lado, o carácter híbrido dos movimentos de renovação na transição do século XIX para o século XX e, por outro, a ampla circulação determinados lugares-comuns do pensamento pedagógico (Pintassilgo, 2006). Noutro artigo de *O Educador*, «Observar e comparar», o autor afirma o seguinte:

Observar pormenorizadamente um fenómeno ou um facto qualquer para bem o conhecer e compará-lo depois com outro fenómeno ou outro facto que com ele tenha afinidades é princípio não só adequado à instrução mas também à educação ...

Para ensinar, sobretudo as lições de coisas, deve-se partir do conhecido para o desconhecido, quer dizer, do bem observado para o que se pretende conhecer ou fazer conhecer.¹⁹

¹⁷ República portuguesa. Senado. Sessão de 28 de Agosto de 1922. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 5, Caixa 921, n.º 62.

¹⁸ Ferreira de Simas, F. A. (1942, 2 Agosto). O sistema métrico. *O Educador*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 73.

¹⁹ Ferreira de Simas, F. A. (1944, 10 Setembro). Observar e comparar. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*. Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 75.

Num artigo publicado no mesmo periódico e dedicado à «história pátria», Ferreira de Simas relata o facto de, em jovem, ter estudado “a História Pátria por uns quadros sinópticos” que continham informações sobre os reis e respectivos reinados destinadas a serem memorizadas pelos alunos. “Mas seria isto saber alguma coisa da história pátria?”, interroga-se. A sua proposta pedagógica, valorizando a narrativa, vai ao encontro de uma ideia defendida na época por vários autores e mais recentemente recuperada: “O livro de história quer-me parecer que deve ser escrito à maneira de romance, sem reis a marcar datas, estabelecendo as ligações com factos mundiais e explicando as causas e efeitos de todos”. Só assim, na sua opinião, “os estudantes lerão com prazer e compreenderão com facilidade” sem terem de responder “de cor” às perguntas como acontecia nos antigos exames²⁰.

Ao longo de vários dos seus textos Ferreira de Simas vai dando conta das viagens realizadas e da preocupação em visitar estabelecimentos escolares. Esta era, de resto, uma estratégia privilegiada pelo movimento renovador e tinha em vista a difusão de boas práticas e a intensificação do entusiasmo pela causa educativa. A referência aos “países cultos” ou aos “países civilizados”²¹, cujos exemplos poderiam ser seguidos, é, aliás, uma constante. Como director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, Ferreira de Simas vai incentivar as viagens pedagógicas de professores da instituição a países como a Suíça, a Bélgica ou a Alemanha onde visitam instituições de referência, em particular na área da educação doméstica e profissional feminina. Para além do contacto com as novidades pedagógicas estrangeiras, essas viagens acabam por servir também para reforçar a consciência da exemplaridade do Instituto mesmo no plano internacional e reafirmar o seu prestígio interno (Pintassilgo, 2008^a).

Em «observar e comparar» o autor fala sobre o muito que há que “copiar ou, talvez que meditar” a partir das escolas primárias italianas. Destaca, entre os “pedagogos notáveis” desse país, Maria Montessori e refere a difusão de escolas montessorianas por países como a Inglaterra e Espanha, “das quais – afiança - tive ocasião de visitar uma em Londres e outra em Barcelona”. Além disso, aquando da realização dum conjunto de conferências em Londres, à volta de 1919, por parte da educadora italiana, afirma ter assistido “a uma delas a convite da Câmara Municipal de Londres”²². Na mesma cidade (Londres), diz ter visitado, em 1914, “uma escola de economia doméstica para raparigas do bairro”, relativamente à qual elogia a “instrução tão prática e rica em excelentes ensinamentos”, concluindo ser esta uma boa forma de “contribuir para a redução da pobreza e para a felicidade do lar”²³. A preocupação com o conhecimento de escolas de educação feminina é óbvia, tendo em conta o desejo de aproveitar os bons exemplos para os adaptar ao Instituto ou, pelo menos, o desejo de possuir termos de comparação. Ferreira de Simas era, além disso, como veremos, um entusiasta da educação feminina, tendo dedicado ao assunto vários textos.

Em «timidez» o autor confessa ter assistido “em Madrid, numa escola de Avé-Maria... a uma lição de História em que os alunos representavam personagens dos factos históricos que iam ser debatidos”. Autor de peças escolares, representadas no estabelecimento que dirigia, Ferreira de Simas elogia a utilidade do teatro escolar - também no que se refere à timidez dos alunos - e aproveita para ilustrar essa ideia através do exemplo do Instituto: “Em Odivelas, o conhecido desembaraço das alunas

²⁰ Ferreira de Simas, F. A. (1945, 25 Julho). História Pátria. *O Educador*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 76.

²¹ República Portuguesa. Senado. Projecto de Lei n.º 332. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 5, Caixa 921, n.º 67.

²² Ferreira de Simas, F. A. (1944, 10 Setembro). Observar e comparar...

²³ Ferreira de Simas, F. A. (1914). A instrução contra a pobreza...

era devido principalmente às sessões dominicais em que uma delas lia uma conferência e as outras recitavam ou representavam”²⁴. Ainda em Madrid, o autor diz ter visitado, anos atrás, “um grupo escolar ou escolas *graduadas*, que foram construídas havia pouco”²⁵, mostrando-se assim consciente da novidade representada pela forma escolar moderna.

Mas é nos textos dedicados ao Instituto Feminino de Educação e Trabalho que as concepções pedagógicas de Ferreira de Simas se expressam com mais clareza, como, de resto, já ficou presente em alguns dos excertos já analisados. A assunção das concepções renovadoras, bem como da exemplaridade da instituição, é visível, por exemplo, quando refere a visita que Adolphe Ferrière realizou ao Instituto no âmbito da sua complexa estadia de cerca de um mês em Portugal (em Novembro de 1930) (Nóvoa, 1987; Nóvoa, 1995). A inclusão do estabelecimento na agenda de Ferrière já é por si sintomática.

Quando Ferrière, o natural pedagogo suíço, visitou em 1932 [?] o Instituto de Odivelas viu adoptados os princípios da Escola Nova que ele criou e defende; e não se esqueceu da visita. Da Suíça me escreveu felicitando o Instituto e remetendo para as alunas mais velhas alguns dos seus valiosos trabalhos.²⁶

No Relatório da Direcção relativo ao ano lectivo de 1924/25 o director faz o balanço relativamente a algumas das opções tomadas e aproveita para reiterar a filiação doutrinária do projecto do Instituto:

Seleccionadas como têm sido as professoras, dotadas as aulas com mobiliário e material didáctico mais aconselhado, tem-se procurado orientar o ensino pelos preceitos mais modernos e adequados ao nosso meio da «Escola activa», das «Escolas Novas» e da «École sur mesure» tendo-nos posto em comunicação com os centros orientadores desses sistemas, dos quais se vai colhendo tudo o que nos pareça de vantagem para melhorar o ensino.²⁷

Ou seja, Ferreira de Simas reconhece, explicitamente, que o Instituto procura assumir-se como uma Escola Nova e que se sente parte de uma rede internacional de instituições similares. A enumeração de algumas das fórmulas que se tornaram bandeiras do movimento, como «Escola activa» e «École sur mesure», títulos de obras do seu grande propagandista de então, Adolphe Ferrière, sublinha não só o conhecimento das mesmas mas, particularmente, a adesão ao seu espírito.

A esse propósito, é particularmente significativa a forma como o Instituto procura ser parte do movimento das «Escolas ao ar livre» que percorre a Europa de então e que representa a tentativa mais radical de comunhão perfeita com a natureza, de irrecusável inspiração “rousseauiana”, a que aspira o movimento. A «Escuela del bosque» de Barcelona é bem conhecida em Portugal a partir de vários relatos e alguns

²⁴ Ferreira de Simas, F. A. (1943, 17 Outubro). Timidez. *O Educador*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 74.

²⁵ Ferreira de Simas, F. A. (1943, 5 Outubro). O culto da verdade...

²⁶ Ferreira de Simas, F. A. (1935). Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 70.

²⁷ Ferreira de Simas, F. A. (1926). Relatório da Direcção. In *Anuário do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Ano lectivo de 1924-1925*. Lisboa: Imprensa da Livraria Ferin, p.5.

dos professores do Instituto visitam, durante as suas viagens, exemplos de «Escolas ao ar livre» e de «Colónias de férias». As práticas educativas concretizadas no Instituto procuram ir ao encontro desse espírito:

As alunas da 1ª Secção estão, mesmo durante as aulas, quase sempre ao ar livre, desde que o tempo o permite, e, assim, embora as salas das classes tenham grande cubagem e muita luz, só aí permanecem quando tenham de escrever ou desenhar ou a chuva ou muito frio as impeça de sair. Bancos de costas, facilmente transportáveis, permitem que as lições possam ser dadas em qualquer ponto da cerca.²⁸

Esse facto é facilitado pela existência, à volta das instalações do antigo convento, de uma grande área ajardinada e de espaços para a agricultura e para a criação de animais. Além disso, as próprias oficinas da instituição se encarregavam de fabricar o equipamento necessário, como, por exemplo, “30 cadeiras articuladas para a escola ao ar livre”²⁹. Finalmente, o Instituto possui duas “colónias de férias”, uma no campo (Grafanil) e outra na praia (então no Estoril). Esta última era destinada às férias das alunas. A primeira, por vezes designada como “sanatório”, destinava-se ao acolhimento temporário das que se encontravam doentes. Segundo Ferreira de Simas,

Muito contribuiu para o bom estado sanitário do Instituto o regímen dado às mais fracas na aula ao ar livre do Grafanil, a 2 quilómetros da sede do Instituto... O regímen é mais ou menos o indicado pelo *Bureau International des Écoles Plein Air*, tendo em atenção que se trata de um internato.³⁰

Fica de novo bem evidente a integração do Instituto nas redes internacionais que servem de suporte à circulação do pensamento pedagógico renovador das primeiras décadas do século XX. As referidas finalidades higiénicas e sanitárias expressam-se, ainda, por via das preocupações com a cubagem das salas de aula e camaratas, a iluminação natural dos espaços, os banhos frequentes, a presença constante de médicos, a alimentação cuidada, etc. Aquando da construção de três novos pavilhões, em tijolo e madeira, para as aulas da 1ª Secção, o director do Instituto afiança terem sido seguidos “os melhores princípios da pedagogia moderna e da higiene”³¹. Nessa mesma altura são construídos ou reformulados outros espaços, como a biblioteca, a enfermaria, o ginásio ou um anfiteatro.

A importância atribuída às actividades ao ar livre e à higiene das alunas decorre de um projecto mais global que tem em vista a consecução do ideal de educação integral. Outra das suas vertentes é a que se manifesta através das práticas associadas à educação física, à ginástica e aos jogos, que se tornam um verdadeiro *ex libris* da instituição.

²⁸ Idem., pp.10-11.

²⁹ Ferreira de Simas, F. A. (1925). Relatório da Direcção. In *Anuário do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Anos lectivos de 1921-1922, 1922-1923 e 1923-1924*. Lisboa: Imprensa da Livraria Ferin, p.14.

³⁰ Idem., p.20.

³¹ Idem., p.13.

A educação física não é menos cuidada, nem podia ser de outra forma no Instituto de Odivelas. A educação física da juventude preocupa todas as nações civilizadas ...

O Instituto tem procurado dar ao ensino da ginástica a importância que deve merecer porquanto a mulher tem tanto ou mais necessidade que o homem de um desenvolvimento integral. As alunas praticam a ginástica sueca, a musicada de Deminy, a de Hebert e a rítmica de Dalcroze. Jogam o *basket-ball*, o *ring-tenis* e outros jogos de partidos, tão próprios para desenvolver a par da força física e do golpe de vista, a disciplina e o espírito de solidariedade e de sacrifício.³²

O texto anterior mostra a diversidade de práticas existentes a este nível no Instituto, tanto mais significativas por estarmos a falar da educação da mulher, dá conta de que se está a par do que então se fazia nas chamadas “nações civilizadas” e, particularmente, atesta o facto dessas práticas terem, para além das finalidades de natureza física – fazer “bons animais” –, finalidades morais, designadamente o desenvolvimento de valores como a “disciplina”, a “solidariedade” e o espírito de “sacrifício”. Até as “obras de corte e costura” são consideradas um “complemento da educação física”³³, por permitirem o aperfeiçoamento de determinadas posturas corporais.

Ferreira de Simas mostra-se, ainda, favorável à articulação entre a educação física e a educação moral na escola, como fonte de alegria para as crianças e, mais uma vez, de disciplina, em particular sob a forma do “jogo ginástico”³⁴. O “respeito do corpo” deve, ainda, incluir o “asseio”, responsabilidade da família mas também da escola. O autor mostra-se, igualmente, defensor da presença do “canto coral” no currículo, por considerá-lo “um dos mais poderosos factores da educação moral”, bem como do “trabalho manual educativo”, tendo por finalidade “criar hábitos de trabalho”³⁵. Noutro texto, em que faz o elogio da “trilogia quase sagrada ... a verdade, o bem e o belo”, Ferreira de Simas sublinha a importância do “sentimento estético” como “valioso factor de educação moral”³⁶. Fica claro que está subjacente ao seu pensamento um ideal de educação integral, através do qual se pretende atingir as diversas dimensões do ser cidadão, conduzir à interiorização de valores considerados essenciais para a preservação da ordem social (liberdade, disciplina, patriotismo, trabalho, família, etc.), tudo isto, como vimos, não por via da imposição, mas antes da auto-disciplina e do auto-controlo.

A preocupação com uma formação em valores conhece uma clara expressão nos projectos mutualistas e cooperativos incentivados por Ferreira de Simas. Enquanto Senador, foi responsável pela apresentação do Projecto de lei n.º 332 através do qual se pretendia institucionalizar nas escolas primárias oficiais de Lisboa e Porto (desde que tivessem mais de 30 alunos) “mutualidades escolares destinadas à constituição de dotes infantis e a auxílio no caso de doença”³⁷. O autor diz seguir o exemplo de “muitos países cultos” onde “as caixas escolares e as mutualidades” florescem e confessa seguir, em especial, o sistema das “mutualidades escolares espanholas”. A finalidade destas

³² Ferreira de Simas, F. A. (1935). Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 70.

³³ Idem.

³⁴ Ferreira de Simas, F. A. (1911). A educação na escola e na família..., pp.17-19.

³⁵ Idem., pp.23-24.

³⁶ Ferreira de Simas, F. A. (1943, 5 Outubro). O culto da verdade. *A Comarca de Arganil*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 74.

³⁷ República Portuguesa. Senado. Projecto de Lei n.º 332. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 5, Caixa 921, n.º 67.

instituições consiste em “desenvolver, especialmente entre as classes populares, o espírito de previdência e o mutualismo”. Ferreira de Simas reafirma, no próprio Projecto de Lei, o carácter pioneiro do Instituto a este respeito: “Entre nós, em 1919, fundou-se no Instituto Feminino de Educação e Trabalho a mutualidade escolar «Futuro» e em 1920 uma outra no Instituto dos Pupilos do Exército, as quais se encontram hoje num notável grau de prosperidade”³⁸. Em texto posterior, o director do Instituto dá conta das outras associações entretanto criadas tendo em vista “a educação social” das educandas: “a Cooperativa Escolar, a Mutualidade escolar (seguros dotais, capital 100 contos), a «Obra do futuro à infância pobre de Odivelas», a Associação das Antigas Alunas”³⁹. Estas associações vêm na linha de outras iniciativas então desenvolvidas em Portugal na óptica do *self-government*, de que são exemplo as associações estudantis conhecidas pela designação «Solidárias» (Candeias, 1994; Ó, 2003; Pintassilgo, 2003). Não deixam de representar, por outro lado, a vontade de alguns intelectuais esclarecidos, ligados ao campo pedagógico renovador, de contribuírem, de forma algo paternalista, para que o povo assumia, por ele próprio, o papel de se “regenerar” moral e socialmente. É, mais uma vez, a estratégia do “governo de si mesmo” que está subjacente a estas práticas. O apelo feito vai no sentido da auto-regulação do comportamento das alunas de modo a acautelarem o seu futuro.

Outra das manifestações da modernidade pedagógica presente no pensamento de Ferreira de Simas e no projecto do Instituto decorre da incorporação de uma retórica científica e do recurso aos procedimentos da chamada pedagogia experimental. O autor reconhece que “o ensino tomou então um aspecto científico” e que isso se manifesta por várias formas, como “o cálculo dos valores nutritivos da ração” e a realização de “experiências simples sobre a preparação dos alimentos”⁴⁰. A alimentação das alunas é cuidada ao pormenor, sendo elaboradas tabelas com os produtos a serem nela incluídos, sua periodicidade e quantidade. O facto de muito dos produtos, da carne à fruta e aos legumes, serem produzidos na quinta do Instituto facilita essa tarefa. A preocupação com a higiene e a saúde das alunas é, de resto, constante e conduz, por exemplo, à presença permanente de médicos na instituição e à sua participação em actividades lectivas. Num dos balanços efectuados pelo director, a integração dos aspectos higiénicos e sanitários no âmbito da formação integral das alunas é fortemente sublinhada:

O estado sanitário foi este ano excelente, correspondendo aos cuidados crescentes com a saúde e o bem estar das alunas.

O estudo das refeições, o desenvolvimento da educação física, a vida quanto possível ao ar livre, a aula ao ar livre do Grafanil onde as alunas chegam a aumentar mais 2kg em 3 meses, o regime especial das alunas fisicamente fracas e a vigilância do médico e das médicas e do pessoal educador, vão triunfando, pelos seus progressos, da crise de idade que as educandas atravessam durante a sua permanência no Instituto.⁴¹

Elemento central do referido projecto de formação integral é o conhecimento profundo das alunas, que se aspira concretizar através da realização de “testes mentais”, tendo em vista uma selecção rigorosa e a orientação profissional. Segundo o autor, “os

³⁸ Idem.

³⁹ Ferreira de Simas, F. A. (1935). Instituto Feminino de Educação e Trabalho...

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Ferreira de Simas, F. A. (1928). Relatório da Direcção. In *Anais do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Ano lectivo de 1926-1927*. Lisboa: Imprensa da Livraria Ferin, pp.7-8.

testes mentais dão indicações bastante seguras sobre a capacidade mental” das alunas permitindo o seu encaminhamento para os diferentes cursos⁴². Noutro texto, Ferreira de Simas aprofunda essa ideia:

Há mais de doze anos que utilizo os testes mentais no estabelecimento que dirijo – Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em Odivelas – e, na verdade, não encontro senão uma concordância, muitas vezes completa, entre a indicação dos testes e a opinião que formam os professores e professoras das suas disciplinas ...

No meu relatório sobre os primeiros exames de admissão realizados no Instituto... manifesta-se dum forma concludente a concordância quase completa entre os testes e o resultado dos exames.⁴³

Noutros momentos é possível verificar como o Instituto estava atento ao que acontecia, no panorama internacional, em relação ao desenvolvimento da psicologia experimental e suas aplicações à pedagogia: “no último congresso internacional de psicologia, em Oxford, reconheceu-se por unanimidade o valor dos testes psicológicos tanto para a educação como para a selecção dos indivíduos”⁴⁴.

Na verdade, os dispositivos desenvolvidos no Instituto e que têm em vista o controlo sobre dimensões diversas do quotidiano e dos hábitos das alunas, designadamente no que se refere à saúde, higiene, alimentação, exercício físico, etc. são expressão de um contexto que concede um grande protagonismo, no terreno, aos contributos, tanto da ciência como da medicina, em que o discurso higienista penetra profundamente as concepções e práticas educativas e em que a pedagogia experimental conhece o seu auge e tudo isto no âmbito organizacional de um internato que tem por meta a educação integral de um conjunto de crianças e jovens do sexo feminino e que pretende contribuir para a regeneração moral da sociedade. As perspectivas inovadoras e, mesmo, libertadoras, associadas, por exemplo, à importância da educação física ou de uma alimentação racional, harmonizam-se, de forma mais ou menos coerente, com todo um conjunto de práticas educativas que privilegiam um controlo rigoroso sobre o corpo e a mente das educandas, designadamente através da vigilância constante por parte das educadoras, dos “testes mentais” ou de rituais tendentes à interiorização de valores como a ordem, a disciplina, o trabalho, a família, a verdade, a solidariedade, entre outros a que já nos referimos. O projecto educativo do Instituto é, desse ponto de vista, e não obstante o seu carácter alternativo, um projecto fortemente integrador (Pintassilgo, 2007).

4. A mulher e a educação feminina em Ferreira de Simas

Um tema central no pensamento de Ferreira de Simas e, naturalmente, no projecto da instituição é o que se refere à educação feminina. Segundo o autor, a reorganização de 1911 do Instituto representava “uma revolução no sistema de educação da mulher, sistema eivado de preconceitos nascidos e mantidos então nos

⁴² Ferreira de Simas, F. A. (1935). Instituto Feminino de Educação e Trabalho...

⁴³ Ferreira de Simas, F. A. (1938, 16 Outubro). Os testes mentais e os exames de admissão aos liceus. *O Educador*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 71.

⁴⁴ Ferreira de Simas, F. A. (1928). Relatório da Direcção. In *Anais do Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Ano lectivo de 1926-1927*. Lisboa: Imprensa da Livraria Ferin, p.6.

colégios religiosos donde saía, em série, a menina prendada que tende a desaparecer”⁴⁵. A valorização da educação da mulher e, em particular, a sua dimensão prática e profissional são aqui elementos fundamentais. A componente especificamente feminina do currículo do Instituto era tradicionalmente muito relevante, como assinala o seu director:

A organização de 1911 criava os cursos de Comércio, os Oficiais e o de Preceptoras que tinham como preparatório os três primeiros anos do liceu. Determinou ainda que se iniciassem as educandas na prática dos trabalhos domésticos, no corte e costura de roupa branca e na enfermagem e puericultura e ainda na arte de culinária, esta de princípio com um carácter meramente prático que pouco a pouco foi entrando na verdadeira orientação que deve ter esse ensino numa escola que não é destinada à preparação de cozinheiras, mas de donas de casa ...

A classe de culinária funciona todos os dias úteis das 10 às 18 horas praticando diariamente 12 alunas. Numa casa de jantar anexa aprendem as regras que presidem ao serviço de um almoço ou jantar de cerimónia. O complemento teórico deste ensino é-lhes dado na aula de economia doméstica.

As lições de higiene geral e especial são-lhe ministradas pela médica do Instituto que também inicia as alunas, na creche anexa, nos cuidados da puericultura.

A organização actual tem conservado essa orientação indispensável à formação das futuras mães e donas de casa.⁴⁶

Um dos aspectos mais interessantes do projecto do instituto é o carácter prático destas aprendizagens, muito marcadas pelo espírito da chamada “escola activa”. A educação doméstica das alunas tinha por base o seu envolvimento directo no cumprimento de tarefas práticas nas áreas da culinária, da costura, da enfermagem, da puericultura, da jardinagem, etc. O edifício do Instituto possuía todas as condições e os espaços adequados a essas práticas, designadamente creche, cozinhas, oficinas diversas, enfermaria, jardins e terrenos agrícolas, animais. Além disso, os cursos de economia doméstica e governo de casa eram obrigatórios para todas as alunas e paralelos aos restantes cursos. Se bem que a educação doméstica ou “ménagère” dispensada tivesse como propósito central a formação de “futuras mães e donas de casa” dedicadas e competentes, a dimensão profissional do currículo é, igualmente, um elemento de relevo a considerar. O Instituto desenvolveu, nessa fase, como já indicámos, entre outros, cursos de empregadas de escritório e do comércio, de correios e telégrafos, de ajudantes de farmácia e laboratório, de modistas e de preceptoras. A preparação para uma profissão tinha em vista acorrer aos casos de necessidade e destinava-se, provavelmente, às alunas de menores recursos ou que não chegassem a constituir família. Convém ter em conta que aquelas eram áreas consideradas, habitualmente, mais apropriadas para o género feminino.

É prudente, no entanto, relativizar um pouco alguns aspectos da modernidade pedagógica e social deste projecto. Um artigo de Ferreira de Simas, já numa fase tardia, significativamente intitulado “a deserção do lar”, deixa-nos entrever o pólo oposto do seu pensamento sobre a educação da mulher. Começando por chamar a atenção para o facto de ser “velho”, mas não “antigo”, e de não ser contrário “a que as raparigas

⁴⁵ Ferreira de Simas, F. A. (1935). Instituto Feminino de Educação e Trabalho...

⁴⁶ Idem.

estudem e façam cursos”, o autor afirma pretender reflectir sobre “quais as qualidades indispensáveis para exercer com dignidade a função social da mulher” que, na sua opinião, consistiria, fundamentalmente, em se ser uma “esposa dedicada” e uma “mãe extremosa”. Nessa conformidade, a educação da mulher deve permitir-lhe “governar com bom senso e economia a sua casa, olhar pela sua alimentação e dos seus filhos”. Ferreira de Simas lamenta a tendência para a “invasão por parte das mulheres dos lugares que aos homens, aos chefes de família, pertenceram desde sempre”. O “afastamento da mulher do lar” traria, na sua óptica, como consequência, “a desorganização da família, base em que assenta a orgânica do Estado”⁴⁷.

Esta perspectiva, na verdade correspondente ao pensamento dominante no contexto republicano acerca da educação feminina, é marcada por alguma ambivalência. É inquestionável, por um lado, o valor atribuído à educação da mulher, incluindo a sua formação profissional, assim como o é a modernidade de algumas das práticas educativas desenvolvidas, designadamente no que diz respeito à educação física, à educação estética, à educação moral, ao contacto com a natureza (no campo e na praia), ao recurso frequente aos “métodos activos”, em particular se pensarmos que se tratam de jovens do sexo feminino. Mas, por outro lado, é bem visível que essas práticas têm como pano de fundo uma concepção relativamente tradicional acerca do papel social da mulher. O objectivo principal, pelo menos do ponto de vista retórico, de um projecto como o do Instituto era formá-la como boa mãe, esposa e dona de casa. A preservação da família - cuja estabilidade se imaginava ameaçada - como instituição nuclear da sociedade era, uma das preocupações centrais deste discurso. Tradição e modernidade, como em muitos outros momentos, surgem aqui articuladas de forma (só) aparentemente paradoxal.

5. Considerações finais

Terminamos assim o percurso analítico através do pensamento e da acção prática de um militar de carreira que foi, ao longo de toda a sua vida, fundamentalmente, um educador, o que o leva a afirmar, no ano em que deixou a direcção do Instituto, o seguinte: “Os meus 50 anos de professorado de todos os graus de ensino forneceram-me naturalmente uma bagagem de conhecimentos interessantes sobre educação que eu desejaria difundir para não se perderem e assim rematar a minha vida com utilidade para alguém”⁴⁸. Apesar de ser uma figura emblemática do movimento de renovação pedagógica, o coronel Frederico Ferreira de Simas é um exemplo, entre muitos outros, no que se refere ao Portugal das primeiras décadas do século XX, de militares que fazem do campo pedagógico o seu espaço privilegiado de intervenção cívica, seja por via da educação física, da instrução militar preparatória, do escutismo ou de outras práticas educativas. Trata-se, neste caso concreto, da personagem que mais marcou o projecto educativo dum estabelecimento escolar militar - que dirigiu por mais de duas décadas - vocacionado para a formação, em regime de internato, de crianças e jovens do sexo feminino. As concepções e práticas aí incrementadas tornaram o então Instituto Feminino de Educação e Trabalho uma instituição de referência no panorama pedagógico nacional e internacional, em particular no que se refere à educação feminina, e um exemplo, ao nível local, de concretização de alguns dos pressupostos

⁴⁷ Ferreira de Simas, F. A. (s.d.). A deserção do lar. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 4, Caixa 921, n.º 53.

⁴⁸ Ferreira de Simas, F. A. (1941, 19 Outubro). Para bem conhecer os seus discípulos. *O Educador*. Arquivo Histórico-Militar. *Arquivo Particular Ferreira de Simas*, Fundo 61, Série 6, Caixa 921, n.º 72.

teóricos da Educação Nova, mesclados, como sempre, com referências da tradição pedagógica.

Referências

- Candeias, A. (1994). *Educar de outra forma. A Escola-oficina nº1 de Lisboa. 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Leitão, M. N. (1980). *Instituto de Odivelas. Esboço sobre a acção educativa do Instituto de Odivelas, ao longo dos oitenta anos da sua existência* [s.l.: s.n.].
- Loureiro, M. L. (1999). *Clima de escola: o Instituto de Odivelas* [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Nóvoa, A. (1987). *Le temps des professeurs. Analyse sócio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII^e-XX^e siècle)* (2 vols.). Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Nóvoa, A. (1995). Uma Educação que se diz Nova. In A. Candeias, A. Nóvoa, & M. H. Figueira. *Sobre a Educação Nova. Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)* (pp.25-41). Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A. (Dir.) (2003). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições ASA.
- Ó, J. Ramos (2003). *O governo de si mesmo. Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*. Lisboa: Educa.
- Pintassilgo, J. (2003). Construção histórica da noção de democratização do ensino. O contributo do pensamento pedagógico português. In M. M. Vieira, J. Pintassilgo & B. P. Melo (Org.). *Democratização escolar : intenções e apropriações* (pp.119-141). Lisboa: Centro de Investigação em Educação.
- Pintassilgo, J. (2006). Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação. In J. Pintassilgo; M. C. Freitas; M. J. Mogarro; & M. M. C. Carvalho (Org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais* (pp. 175-200). Lisboa: Edições Colibri / C.I.E. - F.C.U.L.
- Pintassilgo, J. (2007). Reflexões históricas em torno do (eventual) sucesso da Educação Nova. O exemplo do Instituto Feminino de Educação e Trabalho (1911-1942). *História da Educação*, 11 (23), 35-65.
- Pintassilgo, J. (2008^a). Exemplaridade institucional e renovação pedagógica: reflexões a partir das viagens de professores do Instituto de Odivelas. Comunicação apresentada, em Mesa-Coordenada, no VII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação – *Cultura escolar, migrações e cidadania* -, realizado no Porto entre 20 e 23 de Junho de 2008.
- Pintassilgo, J. (2008^b). O Coronel Frederico Ferreira de Simas e a Educação Nova em Portugal. Comunicação apresentada, em Mesa-Coordenada, no VII Congresso Luso-

brasileiro de História da Educação – Cultura escolar, migrações e cidadania -, realizado no Porto entre 20 e 23 de Junho de 2008.

Saraiva, C. (1978). *O Instituto de Odivelas: breve notícia histórica*. Odivelas: Edição do Instituto de Odivelas.

Silva, C. & Leitão, M. N. (1990). *Instituto de Odivelas*. Lisboa: [s.n.].

Vilela, A. M. (1998). *O Instituto de Odivelas sob a égide do Estado Novo: continuidades ou mudanças na educação. 1926-1969*. Lisboa.